

# Metáfora e metonímia na geração de sentido<sup>1</sup>

Emilia Maria Peixoto Farias

**Resumo:** *The emergence of conceptual metaphors has been the object of investigation in the vast literature in Cognitive Linguistics and related research areas. Scholars such as Barcelona (2003), Taylor (2003) and Radden (2003) have also investigated how metaphor and metonymy interact in the emergence of concepts. The present work aims to discuss how these two phenomena interact at the conceptual level. For this purpose we will discuss two metaphors QUANTITY IS VERTICAL ELEVATION and COMPULSION IS A COMPELING FORCE.*

**Palavras-chave:** *Linguística Cognitiva; Metáfora; Metonímia.*

## 1. Considerações iniciais

No campo da Linguística Cognitiva, a inter-relação entre dois processos cognitivos, metáfora e metonímia, tem ocupado pesquisadores na tentativa de explicar a geração de sentido, não importando se são figurados ou não. Trabalhos relevantes como *Metaphor and metonymy in comparison and contrast* (DIRVEN e PÖRINGS 2003); *How metonymic are metaphors?* (RADDEN, 2003); *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective* (BARCELONA, 2000); *The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions* (GOOSENS, 2003), em que é apresentado o termo *metaphonymy*; *Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update* (BARCELONA, 2003) e *Metaphor in cognitive linguistics* (GIBBS; STEEN, 1999), dentre outros, mostram não somente como esses dois processos cognitivos interagem na emergência da figuratividade de conceitos mas, também, a tênue linha que separa metáfora de metonímia.

---

**Emilia Maria Peixoto Farias** – Departamento de Letras Estrangeiras – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC.

<sup>1</sup> Partes deste trabalho integram:

FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L. A. (2006a). *A linguagem e o pensamento metafóricos.*

FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L. A. (2006b). *A metáfora das cores na linguagem e no pensamento.*

FARIAS, E. M. P. *Metáforas e metonímias no ensino de línguas* (no prelo).

Inicialmente, devemos apresentar a perspectiva sócio-cognitiva aqui adotada. As posições teóricas são aquelas defendidas por Mondada e Dubois (2003), Marcuschi (2005, 2004) e Koch e Cunha-Lima (2004). Citando Morato (2005, p. 80), apresento, de forma resumida, os postulados da agenda sócio-cognitiva da linguagem:

os processos de mediação entre linguagem e cognição são sócio-historicamente constituídos; ambos os processos são forjados no interior de práticas sociais, não havendo possibilidades integrais de cognição ou domínios cognitivos fora da linguagem e nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos; sendo a significação o que plasma e dá “unidade” à relação linguagem-cognição, esta se estabelece interativamente, enunciativamente, dialogicamente; identifica-se aqui, à maneira de Bakhtin (1929-1981), uma fronteira dialética de “duas esferas da realidade” (social e cognitiva).

Mesmo que este trabalho tenha como objetivo apresentar como metáfora e metonímia se consorciaram para a geração de sentido, não podemos nos esquecer que o modelo de representação do conhecimento das expressões a serem apresentadas são muito mais do que modelos mentais: são modelos sócio-culturalmente construídos, emergentes de práticas e ações sociais.

Como discutido anteriormente, metáfora e metonímia se assemelham por serem recursos cognitivos, por resultarem de mapeamentos, por integrarem nosso dia-a-dia, por serem manifestos nas formas lingüísticas que são utilizadas pelo homem para funcionar no mundo. Gibbs (1994, p. 320) trata a metonímia como um recurso cognitivo usado por pessoas “quando um aspecto bem compreendido ou facilmente percebido de alguma coisa é usado para representar ou estar no lugar da coisa como um todo ou outro aspecto da coisa.” Vejamos alguns exemplos apresentados em Gibbs (*op. cit.*):

*Washington has started negotiating with Moscow.*  
*The White House isn't saying anything about the scandal.*  
*She was reading Proust.*

Nos exemplos acima, percebemos que as expressões lingüísticas utilizadas não foram construídas aleatoriamente. Ao contrário, elas são manifestações de formas de raciocínio a respeito dos fatos aí comunicados. Temos, por exemplo, presidente de nação ou seus representantes por cidades administrativas ou sedes de governo e autor por sua obra. O fundamento básico que alicerça esses raciocínios é o processamento metonímico.

Silva (2003, p. 32), apresenta um quadro com as metonímias de uso mais freqüente. O quadro apresenta os pontos de referência (PR) e as respectivas zonas ativas (ZA). São elas:

PARTE PELO TODO <i>um turbo diesel imbatível</i>	PR: motor	ZA: carro
TODO PELA PARTE <i>lavar o carro 1 vez por mês</i>	PR: carro	ZA: exterior
CONTINENTE PELO CONTEÚDO <i>beber um copo</i>	PR: copo	ZA: líquido
MATERIAL PELO OBJETO <i>um vidro, um ferro</i>	PR: substância	ZA: objeto feito de
PRODUTOR PELO PRODUTO <i>comprar um Kleenex</i>	PR: marca Kleenex	ZA: lenço de papel
LUGAR PELO EVENTO <i>poderá ser outro kosovo</i>	PR: Kosovo	ZA: guerra
LUGAR PELA INSTITUIÇÃO <i>Conversações entre Lisboa e Washington</i>	PR: cidade	ZA: governo
INSTITUIÇÃO POR PESSOA <i>Universidade abriu curso</i>	PR: universidade	ZA: responsáveis
PESSOA PELO NOME <i>Não estás nas listas</i>	PR: tu	ZA: o teu nome
CAUSA PELO EFEITO <i>estar ao sol</i>	PR: sol	ZA: calor

A tese central da metáfora conceitual defendida principalmente por Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1980, 1999), Grady (1997), Gibbs (1994) é da evidência da manifestação sistemática, ubíqua e recorrente do pensamento metafórico na linguagem própria do dia-a-dia. Como afirma Gibbs (1994), expressões como *não posso derrubar seus argumentos, ele chegou ao fim de sua vida, a inflação subiu e passe o sal* não podem ser interpretadas como manifestações “da mente poética” do homem.

A metáfora conceitual deve ser entendida como uma matriz, um esquema ou padrão conceptual sob a forma proposicional X É Y, em que X é elemento constitutivo do domínio-alvo e Y é elemento constitutivo do domínio-fonte.

Outro pilar da teoria assenta-se no princípio de que as metáforas estruturam em grande parte o pensamento e o raciocínio. Essas atividades cognitivas possibilitam a organização do conhecimento em domínios mais ou menos abstratos, onde os conceitos são acomodados. Os conceitos emergem, pois, do mapeamento ou das correlações estabelecidas entre domínios. Essas correlações dão origem a um substrato conceptual que, ao seu turno, assenta-se em bases físicas e experienciais.

O realismo corpóreo (*embodied realism*) adotado pelos autores leva em consideração que a nossa compreensão do mundo é modelada e limitada, em grande parte, por nossas faculdades perceptuais, pela conformidade anatômica de que somos dotados, por padrões de atividades neurológicas de nossos cérebros, bem como por experiências e ações situadas e definidas no mundo.

O pensamento é também para os autores em grande parte inconsciente, pois não temos acesso direto aos mecanismos envolvidos na produção e construção do sentido. A consciência ultrapassa o universo fenomenológico da percepção e da razão, também corporificada (*embodied*), e perde sua natureza puramente metafísica, como acreditada ser anteriormente. A seguir discutiremos como esses princípios explicam a geração das metáforas QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, COMPULSÃO É UMA FORÇA IMPULSIONADORA e de algumas expressões idiomáticas.

## 2. A metáfora quantidade é elevação vertical

Vejamos os exemplos abaixo:

*Combustíveis podem subir até 15%. O relatório bimestral de avaliação de receitas e despesas do governo federal (...) reconhece que os preços dos combustíveis deverão crescer entre 5% e 10% nos próximos meses em razão do aumento do petróleo. (O Povo, CE, 26/05/04, p. 23)*

*Dólar: Pela 1ª vez no ano moeda fica abaixo de R\$ 2,20. Disponível em: <<http://empresas.globo.com>>. Acesso em: 05 fev. 2006.*

*A confecção Di Pérola prepara-se para ampliar a sua produção de 64 mil peças/mês para 100 mil peças/mês. (O Povo, CE, 26/05/04, p. 22)*  
*House prices are rising/going up. (English Language and Culture, 1992:1042)*

*The government is determined to bring down inflation to below 5%. The annual rate of inflation was 10%. (Collins Cobuild, 1990, p. 674)*

*We're hoping for a large sale for our new product. (Collins Cobuild, 1990, p. 1165)*

*The elevation of boiling T is determined experimentally. (Base de dados British National Corpus)*

A metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL subjaz às expressões apresentadas em negrito. Essa metáfora, também conhecida como MAIS É PARA CIMA (MORE IS UP), inclui-se no elenco de metáforas orientacionais em Lakoff e Johnson (1980) e está no rol das metáforas primárias em Grady

(1997). A característica principal dessa metáfora está na emergência de seus conceitos com base em processos metafóricos e metonímicos. Os conceitos, aqui mencionados, resultam da combinação da experiência de base física, que inclui manipulação de objeto, interações perceptuais, criação de esquemas de imagem e interpretação de *input* sensorial, aliada à experiência cultural, resultando em instâncias coerentes, sistemáticas e recorrentes, como veremos a seguir.

Grady (1997, p. 24) explica a emergência dessa metáfora por meio de uma rede esquemática que tem como alicerce a hipótese da semelhança. Essa hipótese destaca a percepção co-ocorrente e recorrente de aspectos comuns ou partilhados entre entidades.

A representação esquemática em forma de pirâmide proposta pelo autor inclui a ativação da correlação e co-ocorrência entre três conceitos distintos: PILHA no topo da pirâmide e QUANTIDADE e ELEVAÇÃO nos extremos opostos da base. A motivação para essa metáfora está alicerçada por esses dois conceitos. Kövecses (2002, p. 70-71) explica que quantidade consiste em uma escala que tem MAIS e MENOS e verticalidade inclui PARA CIMA e PARA BAIXO.

Eis aqui uma demonstração da organização do conhecimento por meio da integração de aspectos particulares da experiência como “quantidade” e “elevação vertical” e sua representação escalar.

Há também os casos de metonímias fisiológicas estritamente ligadas à emoção e aos sentimentos. Silva (2003, p. 33), com base em Kövecses (1986, 1988, 1990, 2000), sistematiza essas metonímias da seguinte forma:

EFEITO FISIOLÓGICO	EMOÇÃO/SENTIMENTO
<i>aumento de temperatura do corpo</i>	<i>fúria, alegria, amor</i>
<i>abaixamento temperatura do corpo</i>	<i>medo</i>
<i>vermelhidão da cara e do pescoço</i>	<i>fúria, amor</i>
<i>palidez</i>	<i>medo</i>
<i>gritos e lágrimas</i>	<i>fúria, tristeza, medo, alegria</i>
<i>suor</i>	<i>medo</i>
<i>secura na boca</i>	<i>medo</i>
<i>aumento de pulsação e sangue</i>	<i>fúria, revolta</i>
<i>ansiedade, palpitações</i>	<i>medo, amor</i>
<i>arritmias</i>	<i>medo</i>
<i>postura erecta</i>	<i>orgulho</i>
<i>cabisbaixo</i>	<i>tristeza, vergonha</i>
<i>incapacidade de se movimentar</i>	<i>medo</i>
<i>saltar</i>	<i>alegria</i>
<i>abraçar</i>	<i>alegria, amor</i>
<i>agitação física geral</i>	<i>fúria, revolta, alegria, medo, amor</i>

### 3. A metáfora compulsão é uma força impulsionadora

Vejam os casos da metáfora primária COMPULSÃO É UMA FORÇA IMPULSIONADORA.

Compulsão é definida em inglês como:

1. A very strong feeling of wanting to do something, especially a feeling that you cannot control.

*He felt a sudden compulsion to tell her the truth.* (Macmillan 2002, p. 284)

2. Desire – it's a strong desire to do something, especially a desire that you find difficult to control.

*He feels a compulsion to tidy up all the time... He seemed driven by some mad compulsion.* (COLLINS COBUILD, 1990, p. 286)

3. Compulsive – is used to describe someone's behaviour when they have a strong desire to do something or develop a habit of doing it and find it difficult to control their behaviour.

*A compulsive liar; a compulsive gambler.* (COLLINS COBUILD, 1990, p. 286)

Compulsão também é definida em português como:

1. Ato ou efeito de compelir (MICHAELIS, 1999, p. 549).

2. Força a que compele a repetir um ato não deliberado, ou mesmo contrário à vontade da pessoa (MICHAELIS, 1999, p. 549).

3. Compulsora – que compele; que impulsiona (MICHAELIS, 1999, p. 549).

Expressões em português que licenciam a metáfora são:

Jogador compulsivo; fumante compulsivo; trabalhador compulsivo; consumidor compulsivo; come compulsivamente; gasta compulsivamente.

Neste caso específico, temos a metáfora COMPULSÃO É UMA FORÇA IMPULSIONADORA, cuja base se sustenta na metonímia EFEITO PELA CAUSA. O efeito, ou seja, a ação descontrolada segue à força ou ao desejo incontrolado para a realização da ação. Mais uma vez, metáfora e metonímia se aliam para organizar a forma como entendemos compulsão por meio da força propulsora ou impulsionadora.

### 4. A figuratividade de expressões idiomáticas

A figuratividade de expressões idiomáticas também pode ser explicada por meio da interligação entre metáfora e a metonímia. Longe de ser um tema simples,

as expressões idiomáticas incluem uma extensa lista que inclui, segundo Kövecses (2002, p. 192): metáforas como “cuspir fogo”, metonímias como “ficar amarelo de medo”, binômios como “altos e baixos”, símiles como “surdo como uma porta”, provérbios como “mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, dentre outras expressões.

Como vemos, há uma grande diversidade de fenômenos reconhecidos como expressões idiomáticas que, tradicionalmente, são tratadas como fenômenos lingüísticos, com propriedades sintáticas específicas e cujos sentidos não podem ser abstraídos de seus elementos constituintes.

Na visão tradicional, essas expressões são independentes dos processos cognitivos e não compartilham qualquer aproximação conceitual, ou seja, seus sentidos são aprendidos e ensinados de forma isolada. Não é discutida também a gradualidade da idiomatidade, pois como afirma Taghin (2005), há casos em que as expressões podem ter todos os elementos ou apenas parte deles. Em “white lie / mentira branca (leve)”, é idiomático apenas o adjetivo. Já em “kick the bucket / chutar o balde (morrer)”, a expressão é totalmente idiomática.

Kövecses (*op. cit.*), por sua vez, argumenta em favor da existência de um grande número de expressões idiomáticas que têm como motivação metáforas e metonímias conceituais. Dentre aquelas apresentadas na obra, escolhemos ANGER IS FIRE / RAIVA É FOGO, IMAGINATION IS FIRE / IMAGINAÇÃO É FOGO, ENTHUSIASM IS FIRE / ENTUSIASMO É FOGO e LOVE IS FIRE / AMOR É FOGO para demonstrarmos como a teoria da metáfora conceitual pode tornar mais clara a geração do sentido das expressões que licenciam essas metáforas-metonímias. Observemos, então, os exemplos abaixo:

Ing. After the row, he was *spitting fire*.

Por. Depois da briga, ele estava *cuspidando fogo*.

Ing. *Smoke was coming out of his ears*.

Por. *Estava saindo fumaça pelos seus ouvidos*.

Ing. His *imagination caught fire*.

Por. Sua *imaginação pegou fogo*.

Ing. The painting *set fire to composer's imagination*.

Por. A pintura *incendiou a imaginação* do compositor.

Ing. The fire between them finally went out.

Por. O fogo entre eles finalmente apagou.

Ing. The flames are gone in their relationship.

Por. As chamas apagaram-se na relação deles.

<sup>2</sup> Os enunciados em português são tradução nossa.

Em linha com Kövecses (*op. cit.*, p. 95-96), a organização conceitual “presumida” que alicerça essas expressões idiomáticas pode ser representada da maneira abaixo:



O autor explica a geração dos sentidos metafóricos fazendo a identificação do domínio-fonte FOGO e dos domínios-alvo RAIVA, IMAGINAÇÃO e AMOR, como também as correlações estabelecidas entre eles. Os mapeamentos podem ser assim descritos:

#### A SITUAÇÃO É FOGO

- O fogo → o estado/o evento (como raiva, imaginação, amor).
- A causa do fogo → a causa do estado/evento.
- O começo do fogo → o começo do estado/do evento.
- A intensidade do fogo → a intensidade do estado/do evento.
- O fim do fogo → o fim do estado/do evento.

Esses mapeamentos ajudam na compreensão das expressões e tornam mais evidente como os conhecimentos compartilhados são responsáveis pela geração do sentido. Do conhecimento de que temos a respeito do fogo, algumas características merecem ser aludidas: (1) quando muito intenso, o fogo pode ser perigoso para as pessoas e coisas circundantes. Dessa forma, na expressão “cuspir fogo”, seu conceito se constrói a partir de:

(a) geralmente quando falamos de raiva, utilizamos expressões referentes ao fogo; (2) quando aumenta a raiva, aumenta também a intensidade do fogo; (3) quando a raiva está sem controle, o fogo também está e (4) a falta de controle da raiva e do fogo pode afetar pessoas e coisas circundantes. De forma resumida, Kövecses (*op. cit.*, p. 204) descreve a expressão “cuspir fogo” como:

Sentido idiomático especial: “estar com muita raiva”.  
 Mecanismo cognitivo: metáfora: RAIVA É FOGO.  
 Domínios conceituais: FOGO e RAIVA.  
 Formas lingüísticas: cuspir fogo.  
 Sentidos das formas: “cuspir”, “fogo”.

Se transusermos essa abordagem para expressões idiomáticas de base metafórica, veremos que o modelo se aplica. Tomemos como exemplo “rule with an iron hand / governar com mão de ferro” e “from hand to hand / de mão em mão”. Temos nesses casos duas metonímias: A MÃO PELO CONTROLE e A

MÃO PELO ATIVIDADE. Kövecses (*op. cit.*) afirma que essas metonímias têm seus fundamentos em outras mais gerais, quais sejam: O INSTRUMENTO PELO CONTROLE e A MÃO PELO PESSOA.

Na expressão “governar com mão de ferro”, alguém substituído por mão mantém disciplina rígida, enquanto que “de mão em mão”, muitas pessoas estão desenvolvendo uma atividade, possivelmente em série. Resumidamente teremos:

Sentido idiomático especial: “manter disciplina rígida”.  
 Mecanismo cognitivo: metonímia: INSTRUMENTO PELO CONTROLE.  
 Domínios conceituais: INSTRUMENTO e CONTROLE.  
 Formas lingüísticas: governar com mão de ferro.  
 Sentidos das formas: “governar com”, “mão”, “de ferro”.

Sentido idiomático especial: “diretamente de uma pessoa para outra”.  
 Mecanismo cognitivo: metonímia: A MÃO PELO PESSOA.  
 Domínios conceituais: MÃO e PESSOA.  
 Formas lingüísticas: de mão em mão  
 Sentidos das formas: “de mão”, “em mão”.

## 5. Considerações finais

Tentamos mostrar ao longo deste trabalho como a Teoria da metáfora conceitual (TMC) pode servir de suporte no processo de compreensão da geração de sentido de metáforas, metonímias e expressões idiomáticas. Mostramos como as metáforas QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL e COMPULSÃO É UMA FORÇA IMPULSIONADORA têm em suas bases a interligação entre metáforas e metonímias. Mostramos também que as expressões idiomáticas de base metafórica ou de base metonímica podem ser melhor explicadas se considerarmos os princípios da TMC. Ressaltamos, ainda, que metáfora e metonímia são recursos cognitivos que contribuem substancialmente para a geração de muitas formas de dizer que utilizamos no nosso dia-a-dia.

## Bibliografia

- BARCELONA, A. (Ed.) *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.
- BARCELONA, A. Clarifying and applying metaphor and metonymy. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.207-277, 2003.
- DIRVEN; PÖRINGS (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter 2003.

- FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L. A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, A. C. P. S.; BUSSONS, A. F. (Orgs.). *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p.111-130, 2006a.
- FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L. A. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, A. P. (Org.). *Tópicos em cognição e linguagem*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, p.19-55, 2006.
- GIBBS, R. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: CUP, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- GOOSENS, L. Metaphonymy. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.349-377, 2003.
- GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation. California: University of California, Berkeley, 1997.
- KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Virtudes e vicissitudes do cognitivismo, revisitadas. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, v.3, p.251-300, 2004.
- KÖVECSSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Metaphor and emotion*. Language, culture and body in human feeling. Cambridge/New York: Cambridge University Press; Paris: Editions de la Maison des Sciences de L'homme, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Emotion concepts*. New York/Berlin/Heidelberg: Springer-Verlag, 1990.
- \_\_\_\_\_. *The language of love*. The semantics of passion in conversational English. Lewisburg, PA: Bucknell University Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Metaphor of anger, pride and love: a lexical approach to the structure of concepts*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1980a.
- \_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MARCUSCHI, L. A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Orgs.). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, p.49-77, 2005.
- \_\_\_\_\_. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, p.263-284, 2004.

- MARCUSCHI, L. A. Atividades de referência, inferência e categorização na produção de sentido. In: FELTES, (Org.). *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: EDUCS, p.239-261, 2003.
- \_\_\_\_\_. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. *VEREDAS, Revista de Estudos Lingüísticos*, 6 (1), p.43-62, 2002.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORATO, E. M. Aspectos sócio-cognitivos da atividade referencial: as expressões formulaicas. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Orgs.). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, p.79-94, 2005.
- RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: DIRVEN; PÖRINGS (2003) (Eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p.407-434, n 2003.
- SILVA, A. S. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, 7. Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, p.13-75, 2003.
- STEEN, G. *Understanding metaphor in literature: an empirical approach*. England: Longman Group Limited, 1994.
- TAGNIN, S. E. O. *O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas inglês e português*. São Paulo: Disal, 2005.

#### Dicionários consultados

- COLLINS COBUILD: English language dictionary. London/Glasgow: Collins Publishers, 1990.
- LONGMAN: Dictionary of English Language and culture. England: Longman Group UK Limited, 1992.
- MACMILLAN: English dictionary for advanced learners. Oxford/China: Bloomsbury Publishing Plc./ Macmillan Publishers Limited, 2002.
- MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.